

A RELAÇÃO DO APÓSTOLO PAULO COM A MAGIA NO SÉCULO I D.C

William Braga Nascimento ¹

Ana Livia Bomfim Vieira ²

1. Introdução

Analisar sociedades primitivas no tocante as suas práticas, costumes e mentalidades, configura-se em um processo que exige cautela e se mostra de certa forma com uma gama de complexidade, devido às formas que essas sociedades antigas concebiam o mundo em que viviam. Dessa forma se fez necessário abordar neste trabalho as principais idéias teóricas que norteiam o estudo da cultura, sobretudo no campo historiográfico. Tomou-se como referencial a História cultural, no qual preocupa-se em atender a anseios relativos a conflitos de ordem social, estudo das mentalidades, além da interdisciplinaridade com vias de uma ampla compreensão do seu objeto. Neste sentido a abrangência tangível a História cultural fica evidenciada no conceito antropológico de cultura enquanto dimensão simbólica da ação social. (BURKE, 2000). Dessa forma tem-se a cultura como um processo de construção de sentidos partilhados em uma sociedade, focando a diversidade de práticas e representações coletivas pelas quais os homens através da história atribuem um sentido ao mundo e a sua existência, como é explicado:

“A História cultural, tal como entendemos, tem como principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler [...] as representações do mundo assim construídas são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam”. (CHARTIER, 2002, p.16-17).

Logo, é imprescindível a compreensão deste modelo cultural proposto, para a obtenção reflexiva do contexto da época, ao qual este trabalho se propõe a analisar.

A leitura do processo de formação da religião cristã no seio da região mediterrânea na antiguidade durante o século I e.c, mostra-se deveras instigante. O cristianismo, facção minoritária no contexto da época, surge exponencialmente como uma doutrina predominantemente única e verdadeira para os seus líderes. Com o advento das viagens missionárias do apóstolo cristão Paulo de Tarso, há uma inserção de um cristianismo ainda em formação nas diversas regiões em que este e seus auxiliares de missão percorreram. E é justamente nesse aspecto de “integração” de uma nova religião em uma sociedade até então estranha que se encontra o cerne problemático deste ensaio

O encontro de diferentes culturas em uma região pluridimensional como era o mediterrâneo (e ainda é) torna-se um fator preponderante para a transformação estrutural de uma sociedade com características sociais, religiosas e culturais já pré-estabelecidas entre sua população, resultando nesse caso em uma constituição de conflitos entre as ordens dominantes. A presença do helenismo nesse contexto contribuiu sobremaneira para a transformação desses encontros, proporcionando a adoção de elementos distintos, sobretudo em sua área religiosa. O fato de duas culturas que entram em choque (Judaico-Cristã e Grega) possibilita-nos dizer que com a prolongação desses contatos há uma modificação de comportamento de ambas as partes envolvidas, resultando em uma absorção de diversas características pertencentes ao grupo oposto. Essa vivência com o “outro” fez com que possivelmente esses grupos nunca mais tenham experimentado sua singularidade frente aos outros grupos existentes¹. Não se trata aqui de estruturas sociais “fechadas” ao contato com outros povos, pois ao admitirem trocas culturais estas sociedades se caracterizavam como um grande sistema aberto onde foram possíveis essas interações, logo não existe a idéia de influências de um determinado povo sobre outro, sendo mais coerente tratar este tema como uma negociação entre tais povos².

O discurso predominantemente quase irrefutável ao longo dos tempos ressalta a idéia de um cristianismo que não experimentou assimilações diante de outras culturas as quais esteve em contato, contudo essa parece ser mais uma perspectiva associada discursivamente ao campo teológico que não promoveu um diálogo com a historiografia e outros campos de conhecimento deveras importantes e essenciais para a compreensão de um contexto tão complexo na antiguidade, como por exemplo, a arqueologia e a antropologia.

Neste tocante, convém ressaltar que o cristianismo em seu período antigo, inserido no mediterrâneo, esteve interagindo com uma gama de práticas culturais diversas, como a helenística, copta, egípcia e romana, admitindo assim, uma pluralidade em sua concepção inicial. Esse pensamento parece ser muito caro aos historiadores cristãos, pois não admitem o fato de que o cristianismo em formação tenha tomado parte em alguns casos de elementos de outras culturas, esse pensamento nos levou a imaginar a possibilidade de um cristianismo monolítico, não sujeito a interações em uma região em que isso era quase inevitável, sendo único em suas formas.

Por um longo período este tema permaneceu como um assunto que não poderia ser tratado para os pesquisadores que se enveredaram para o estudo do cristianismo, sobretudo

os historiadores cristãos, como já foi citado anteriormente, pois iria diretamente entrar em choque com o seu discurso, correndo o risco de feri-lo em seu escopo. Porém, para esse posicionamento é importante ressaltar que uma determinada mistura cultural entre grupos diferentes foi preponderante para a reprodução das suas práticas religiosas dentro dessas comunidades, sendo perceptíveis em suas estruturas essas mudanças e transformações nas práticas de suas crenças, no ver e no sentir, constituindo assim uma miscelânea religiosa, que de certa forma garantiram o seu desenvolvimento com peculiaridades distintas. Trocas religiosas nem sempre significa dizer que essas civilizações estavam realmente interessadas em cumprir os pensamentos que compunham a doutrina cristã, parece-me interessante pensar na hipótese de uma antropofagia religiosa, em absorver os poderes contidos em uma religião até então nova em uma sociedade plural, para que a civilização até então “dominada” adquirisse mais elementos, a fim de se tornar mais forte frente às outras, mesmo teoricamente admitindo certa fragilidade ao admitir inovações de outros credos em seu meio.

Detém ressaltar nesse aspecto, que o fato de uma cultura até então nova inserida em um meio social até então novo, não pressupõe a noção de que esta tenha absorvido totalmente as práticas culturais do grupo que impôs essa dominação, neste modelo, estaria mais característico o pressuposto de que essa cultura esteve sofrendo mais um processo de descaracterização propriamente do que uma espécie de interação.

2. O Encontro do Cristianismo Paulino em um Ambiente Mágico

Diante do material exposto até aqui, quero deixar evidente que as comunidades antigas inseridas na região mediterrânea estavam mergulhadas no campo da magia como forma de exercer suas práticas religiosas. Diante da pluralidade do ser humano em exercer a sua ligação com o divino, podemos atestar que o cristianismo em sua fase de emergência nessa região, também se configurou como uma religião plural em suas práticas primitivas, sobretudo ao inserir-se nessas localidades politeístas. Para isso, toma-se como exemplo a experiência vívida no encontro entre cristianismo e a magia. Por sua vez, esta era naquele tempo uma forma de se relacionar com o sobrenatural, como meio de se conseguir algo desejado, ao mesmo tempo em que também era praticada para fins considerados não religiosos.

È importante ressaltar, que o novo testamento em sua grande parte, como por exemplo, o livro de Gálatas, deixa transparecer dois objetos de análises que naquela época estavam em pleno desacordo com a mensagem pregada pelo cristianismo, mais que por muitas vezes, passa despercebido do leitor leigo. A abordagem que é mais enfatizada é com relação à oposição de grupos “judaizantes” que acreditavam que somente com a prática da circuncisão os chamados “gentios” (Povos que não eram judeus, mas que aceitaram a mensagem cristã) poderiam ser salvos e aceitos nas comunidades judaicas, contra a outra corrente dos grupos cristãos liderados por Paulo, que enfatizava justamente o contrário, que não era necessária a prática da circuncisão para se obter a salvação, mas apenas crer no evangelho de Jesus. Dessa forma, raramente se leva em conta o caldeirão mágico que estava presente naquelas regiões, talvez por algum receio de grupos testamentários que não admitem a possibilidade de interação ou de ao menos concordar com a possibilidade de essas regiões estarem envolvidas com as praticas mágicas. Interessante ressaltar que essas abordagens já “tradicionais” do Cânone bíblico, de certa forma comprometem a sua compreensão num cenário geral.

Portanto, analisando o contexto onde a magia é difundida no Cânon do novo testamento, mais precisamente na carta destinada aos gálatas, nota-se um claro descontentamento e oposição figurada na pessoa do apóstolo Paulo contra as práticas mágicas realizadas pelos gálatas, como pode ser percebido:

“Ó gálatas insensatos, quem vos fascinou, a vós cujos olhos foi desenhada a imagem de Jesus Cristo crucificado?” (BP, 2003, Gl 3:1).

Este versículo só pode ser compreendido em sua totalidade se levarmos em consideração o ambiente mágico em que estava mergulhada aquela sociedade. Neste sentido podemos observar que a mensagem de Paulo entra em choque contra os costumes dos gálatas de praticar a magia, com a mensagem pregada de Cristo crucificado diante dos olhos daquela população. (CHEVITARESE, p.75. 2007) Contudo olhando os textos canônicos de forma simples, superficial, não enxergaremos nenhum indicio de que o termo “Fascinou/Fascinar” evoca em seu sentido original, embora esteja diretamente associado como uma prática mágica. A palavra “fascinação” tem suas origens irremediáveis no universo mágico, muito embora passe despercebido pelo leitor cristão do novo testamento, remetendo nesse cenário ao ato de prender alguém com os olhos, “amarrar”, causar danos a vida e aos bens de uma pessoa. No sentido original do grego, a palavra designada para tal ato é “*Báskanos*” que está ligada a prática do mau olhar presente no seio dessa população e que era mais difundida

entre as camadas mais pobres da população, e que o apóstolo Paulo acreditava piamente de que elas eram eficazes em seus efeitos.

Baseando-se nisso, Paulo em Gl 5: 20 elabora uma serie de recomendações nas quais o gálatas deveriam praticar e que não seriam mais aceitas dentro daquela população, (que ressalta-se, naquele momento já tinha sido cristianizada, mais que ainda não tinha deixado totalmente as suas crenças pagãs ao cristianismo para trás), entre elas se encontra a censura a magia ou a feitiçaria (do grego “*Pharmakéia*”). A Magia nesse cenário vivido pelo cristianismo denota uma característica altamente pejorativa, que supõe uma perversão da fé cristã, uma decadência, um retorno as crenças “vazias” a que Paulo deixa transparecer: “Mas agora que conheceis a Deus ou, antes, sendo conhecidos por Deus, como estais voltando, outra vez, aos rudimentos fracos e pobres, aos quais, de novo, quereis ainda escravizar-vos?” (BP, 2003, GL 4:9). Esse “alerta” que Paulo faz aos gálatas nos permite afirmar que de fato essa população tinha crenças estabelecidas nas interpretações realizadas através da magia, em adoração de forças da natureza. (BARBAGLIO, 1991)

Em um segundo aspecto, focalizaremos mais diretamente a figura do apóstolo Paulo. É evidente a importância atribuída a este como um instrumento essencial para a disseminação das doutrinas cristãs no mediterrâneo, contudo, algumas passagens do Cânon bíblico deixam transparecer alguns indícios que podem ser feitas quanto à postura de Paulo no contexto da helenização nessa região. A imagem de um apóstolo situado distantemente do cenário predominado pela magia condiz com que o texto bíblico revela? (JUSTI, 2010) Com base nessa indagação realizo um percurso baseado no paradigma indiciário proposto por Ginzburg, de se ter uma aproximação, apropriação, uma reconstrução do real. Os sinais ou indícios mínimos de investigação histórica são assumidos como elementos que podem revelar fenômenos culturais gerais. Para isso situo essa análise do livro de atos dos apóstolos, onde Paulo se encontrava também na região da Galácia.

Através do contexto da helenização, em que vários povos compartilhavam de crenças heterogêneas, é importante destacar a imagem que essas populações tinham de Paulo, nesse caso a interpretação que se tinha era a que o líder cristão também era um poderoso mágico e que, portanto estava interagindo com as culturas mediterrâneas que tinham em seus sistemas essa predominância religiosa, como é narrado em sua estada na cidade de Listra (região da Galácia):

“Em Listra, costumava estar assentado certo homem aleijado, paralisado desde o seu nascimento, o qual jamais pudera andar. Esse homem ouviu falar Paulo, que, **fixando**³ nele os olhos e vendo que possuía fé para ser curado, disse-lhe em alta voz: Apruma-te direito sobre os pés! Ele saltou e andava” (At 14:8-10)

Ora, é totalmente compreensível que nesse determinado contexto em que Paulo cura um coxo de nascença não citando o nome de Jesus, no qual fundamenta todas as suas pregações aos habitantes daquela região, fica impregnada uma pergunta no contexto dessa cura: Já que estava inserido num caldeirão mágico, teria Paulo usado destes artifícios para realizar essa cura? Essa questão parece ser muito cara aos especialistas nos testamentos que não concordam com a relação magia-cristianismo em seu processo de formação, contudo essa questão não pode permanecer como um “não-dito” na história. (JUSTI, 2010)

O termo que fica claro para esse presente indicio de magia paulina, “Fixando” era comumente usado como uma pratica mágica naquelas sociedades, que atribui o sentido de fascinar, de amarrar com os olhos, de encantar, como já foi dito anteriormente.

Outro indicio que possibilita essa a sustentação dessa hipótese, é o fato do apóstolo Paulo possivelmente ser portador do mau olhado, como é narrado em seu discurso aos gálatas em GL 4:12-15. Paulo ressalta para o fato de que essa enfermidade no qual ele carregava não o impediu de ser bem recebido naquela sociedade, o apóstolo não sofreu nenhum tipo de desprezo por conta da sua enfermidade, contudo ainda ressalta que os “gálatas” se possível fosse teriam arrancado os próprios olhos para dá-lo, ressaltando que esta doença poderia ser consequência de artes mágicas.

Outra passagem nos textos bíblicos que narra a relação do apóstolo Paulo com a magia encontra-se no livro de Atos dos Apóstolos, onde pode-se observar tantos outros indícios da problemática deste ensaio.

O capítulo 13 do livro citado, narra um fato ocorrido na cidade de Pafos, na ilha de Chipre, que tem como personagens a figura de Paulo, Barnabé (companheiro de viagem do apóstolo na Missão) e do mágico de origem judaica chamado de Bar-Jesus. Este por sua vez no entender do apóstolo estaria desvirtuando a fé do pró-cônsul Sérgio Paulo. Dessa forma como meio de reprimenda, Paulo cheio do Espírito Santo fixa os olhos no mágico ao qual lançou-lhe uma maldição, de tal forma que esta causara cegueira no mágico Bar-Jesus e provoca a conversão do pró-cônsul.

“Todavia, Saulo, também chamado Paulo, cheio do Espírito Santo, **fixando** nele os olhos, disse: Ò filho do diabo, cheio de todo engano e de toda malícia, inimigo de toda justiça, não cessarás de perverter os retos caminhos do Senhor?” (Atos 13:9)

Levando em consideração o contexto cultural presente naquela região onde o apóstolo estava em missão, pode-se perceber nessa passagem do cânon bíblico que o pró-cônsul em questão estava na companhia do mágico ao qual Paulo repreende, o que leva ao indicio de que a autoridade romana em questão tinha um bom relacionamento com um praticante da magia, e logo, pode-se endossar que essas práticas faziam parte do cotidiano dessas regiões e teria “boa aceitação” entre a cúpula romana

No capítulo 19 do mesmo livro supracitado, narra um episódio em que judeus exorcistas tentavam expulsar demônios de outras pessoas utilizando o nome de Jesus como uma força mágica, para isso, associavam o apóstolo Paulo como um canal por onde aconteceriam tais exorcismos;

“E alguns judeus, exorcistas ambulantes, tentaram invocar o nome do Senhor Jesus sobre possessos de espíritos malignos, dizendo: Esconjuro-vos por Jesus, a quem Paulo prega. (At 19:13)

No tocante a esses versos, pode-se conjecturar que o apóstolo Paulo na visão daquela sociedade de Éfeso, era tido como uma espécie de “depositário” do poder mágico nas quais as pessoas pensavam que através da citação do nome de Jesus e de Paulo poderiam ter seus objetivos alcançados.

Ressalto neste ensaio, o modo como as sociedades das regiões citadas estabeleciam um paralelismo entre o poder mágico e o poder do Espírito Santo que as escrituras bíblicas referem como o poder que operava no apóstolo Paulo. Levando em consideração que estamos tratando aqui de trocas culturais, fica claramente evidenciado o ideário calcado no poder das populações da época, em um poder que era mais “acessível” a uma gama de indivíduos que já praticavam tais artifícios para diversos fins (bons ou maus), e um poder que era concedido somente á aceitação do Cristo no qual Paulo também pregava, e que era mais exclusivo de tais pessoas que atenderam á pregação Paulina. Este poder, como aqueles grupos sociais pensavam, não era concedido mediante ações rítmicas, meticulosamente calculadas (mágicas), como deixa transparecer a passagem em que Simão, o Mago, tenta comprar o poder do Espírito Santo manifestado no apóstolo Pedro e este o repreende veementemente.⁴

3. CONCLUSÃO

Portanto, com os exemplos que foram aqui mencionados, fica demonstrado através do apóstolo Paulo, o quão próximo estavam interagindo culturas distintas em um ambiente em que isso era perfeitamente possível, como a região mediterrânea. Através deste trabalho, pretendeu-se mostrar as concessões culturais promovidas por Paulo no intuito de cumprir suas missões evangelizadoras e, sobretudo de mostrar que através destas concessões o quão perto ele esteve da figura e do ambiente mágico nas sociedades pelas quais percorreu.

Essa configuração relatada e baseada nos textos bíblicos, nos dão indícios de como essas interações ocorreram, devendo ressaltar também que interações trazem consigo relações fundadas na violência, tanto efetiva, como simbólica, e mostrando dessa forma que o cristianismo até então nascente, agregou-se aos meios estruturais já estabelecidos para obter maior receptividade entre os indivíduos, ao mesmo tempo que como já citei, entrou em choque com essas estruturas, absorvendo elementos que possibilitaram maior integração no ambiente penetrado. A junção, a convergência dessas duas formas de religiosidades presentes nessas culturas, podem nos ajudar a entender de forma mais abrangente um cristianismo que hoje é praticado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BÍBLIA, Novo Testamento. Gálatas. Português. **Bíblia Plenitude**. Revista e Atualizada, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

_____, Novo Testamento. Atos dos Apóstolos. Português. **Bíblia Plenitude**. Revista e Atualizada, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

BIBLIOGRAFIA:

BARBAGLIO, G. *A Carta de Paulo (II)*, São Paulo: Edições Loyola, 1991.

BURKE, Peter. **Variedades de História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 2002.

CHEVITARESE, André L.; CORNELLI, Gabrielle. **Judaísmo, Cristianismo e Helenismo**: Ensaios Acerca das Interações Culturais no Mediterrâneo Antigo. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais**: Morfologia e História. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

JUSTI, Daniel Brasil. Magia no mundo antigo e práticas mágicas entre os primeiros cristãos. 2010. Disponível em: http://www.revistajesushistorico.ifcs.ufrj.br/arquivos5/Artigo_Justi.pdf . Acessado, pela última vez, em 18 de Abril de 2012.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro; Jorge Zahar Editor, 1990.44

¹ Graduando do 4º Período do Curso de História na Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

² Professora de História Antiga na Universidade Estadual do Maranhão – UEMA

¹ SAHLINS, Marshall (1985) **Ilhas de História**. Rio. Jorge Zahar (1990)

² Chevitarese propõe um novo modelo teórico-metodológico para o estudo de culturas diversas na bacia do Mediterrâneo, tratando esses encontros como interações, suprimindo a idéia de influências. Ver: **Judaísmo, Cristianismo e Helenismo**: Ensaios acerca das interações culturais no Mediterrâneo antigo. São Paulo. (CHEVITARESE & CORNELLI. 2007)

³ O negrito não consta no original, servindo aqui como um elemento de destaque para ressaltar a possível interação do apóstolo com a magia.

⁴ Ver Atos 8:18-19. A intenção de Simão em comprar este poder espiritual deu origem ao termo Simonia.